

NEGRAS COM ESTILO: UMA ANÁLISE DA  
REPRESENTAÇÃO DE ESTILO NA SÉRIE  
ANTÔNIA

## NEGRAS COM ESTILO: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DE ESTILO NA SÉRIE ANTÔNIA

**Resumo:** Neste artigo, trataremos do estilo como um componente importante na tríade de características que se sobressaem e permeiam a cultura negra contemporânea – estilo, música, corporalidade – conforme propõe Hall (2008). Observaremos tal questão, assim como a representação estética da mulher negra, a partir da série televisiva *Antônia*. Analisamos o estilo na série e especialmente como é promovida uma transformação estilística no enredo, bem como suas implicações.

**Palavras chave:** Identidade na mídia; Identidade negra; mulheres negras

## NEGRAS CON ESTILO: UNA ANÁLISIS DE LA REPRESENTACIÓN DE ESTILO EN LA SERIE ANTÔNIA

**Resumen:** En este artículo, trataremos del estilo como un componente importante en la triade de características que se sobreen y permean la cultura negra contemporánea – estilo, música, corporalidad – conforme propone Hall (2008). Observaremos tal cuestión, así como la representación estética de la mujer, a partir de la serie televisiva *Antônia*. Analizamos el estilo en la serie e especialmente como es promovida una transformación estilística en el enredo, bien como sus implicaciones.

**Palabras clave:** Identidad en la media; Identidad negra; mujeres negras

## BLACK WOMEN WITH STYLE: AN ANALYSIS OF STYLE REPRESENTATION IN THE SHOW ANTÔNIA

**Abstract:** In this article we treat style as an important component in the triad of features that stand out and permeate contemporary black culture elements – style, music, corporality - as proposed by Hall (2008). We will approach this issue and the aesthetics representation of black woman, through the television show *Antônia*. We analyze the style in the show and especially how is promoted the stylistic change in plot and its implications.

**Keywords:** identity on media; black identity; black women

## 1 INTRODUÇÃO

A série *Antônia*, apresentada na rede Globo entre 2006 e 2007, aborda diversos elementos da cultura negra contemporânea brasileira. Um dos traços que se destaca no decorrer da série é o estilo, uma característica singular entre as diferentes culturas negras no espaço do Atlântico Negro<sup>1</sup>, ao considerarmos que o estilo passou de uma característica secundária, para uma questão essencial dentro das culturas afro contemporâneas (HALL, 2008). Neste artigo analisamos a representação de estilo das mulheres negras na série, considerando que as personagens representam a cultura *hip hop*, identificada primariamente com as periferias, e passam por uma transformação dentro deste estilo no decorrer da série. Para tanto, autores como Hall (2008) e Sansone (2003) são utilizados como referência. E também destacamos como o estilo é refletido no desenvolvimento do enredo e dentro de passagens selecionadas.

Inicialmente, apontamos que este trabalho toma como base a cultura negra de forma não homogênea. Corroboramos com a visão de pensadores como Gilroy (2001) e Hall (2008) de que apesar de existirem elementos em comum nas diferentes culturas negras estabelecidas, que permitam considerar uma linha de aproximação e influências, não há unidade absoluta ou união entre os diferentes grupos espalhados pelos diversos países que receberam a diáspora negra, uma vez que particularidades sócio-históricas impedem tal coesão.

Hall (2008) aponta três aspectos da cultura popular negra que refletem tradições de representação na cultura da diáspora: estilo, corpo e música. Segregados da cultura dominante e despossuídos de qualquer capital cultural, além de si mesmos, para os afro-descendentes estes elementos foram, muitas vezes, os únicos espaços que restaram para a apropriação da cultura negra. As bases da tradição africana, junto a elementos retirados da cultura europeia, levaram a uma forma própria de utilização destas três características. A música é considerada por Hall como a forma mais profunda de composição da vida cultural dos negros da diáspora. O corpo, para o autor, é um elemento utilizado frequentemente como tela de expressão de identidades. E o estilo, torna-se, cada vez mais, componente central para a expressão das culturas negras. Podemos ver o estilo representado nos outros dois aspectos, corpo e música, ou

---

<sup>1</sup> Termo de Paul Gilroy, em seu livro *O Atlântico Negro* (2001), correspondente às Américas, África e Europa continentes onde foram e ainda são forjadas os modelos de identidade negra.

na própria caracterização e porte com que os afro-descendentes se expressam. Os grupos culturais criados para expressar a identidade negra comumente vêm acompanhados de um conjunto de características de moda, mímica e oralidade particulares compondo uma forma, ou estilização facilmente identificáveis.

Esta hibridação compõe, para o autor, outra característica da culturalidade da diáspora negra, pois, etnograficamente não existem formas puras, mas sim a mescla e o encontro de fronteiras culturais. Kellner (2001) concorda com Hall, ao explicitar a caracterização de um repertório gestual e linguístico distinto aos grupos negros, formado de maneira a questionar ou lutar frente à opressão “A dança e os modos de percorrer o espaço situam o corpo do negro em sua tipicidade, visto que ele atravessa de maneira desafiadora um espaço hostil com um jeito capaz de expressar sua identidade e suas formas de rebeldia.” (KELLNER, 2001, pp. 251-252). De forma similar, Sansone (2003) vê no corpo dos negros um ícone controverso, em nenhuma outra etnia há uma associação tão expressiva entre identidade racial e corpo. Associação nem sempre positiva, pois é tomada para a perpetuação de estereótipos racistas, porém pode tornar-se também uma maneira de reconhecimento e expressão cultural.

## **2 A MULHER NEGRA: QUESTÕES DE ESTILO E ESTÉTICA**

Um assunto de larga importância para a identidade da mulher negra na atualidade é a estética, uma vez que as mulheres negras sofrem desvalorização em diversos níveis, inclusive estéticos (CARNEIRO, 1995). Em nosso país, apesar do grande número de afro-descendentes, o mercado para produtos de beleza específicos a esta etnia está ainda em desenvolvimento, e não é dado destaque para as características negras como símbolos de beleza. O ideal estético europeizado é aceito e repassado através de um modelo que diminui ao máximo, ou simplesmente exclui, a participação do negro na construção de um imaginário de beleza. As características físicas mais valorizadas esteticamente na sociedade não são características africanas. A ausência de exemplos de beleza negra na mídia tem reflexos fortes no comportamento, identidade e autoestima de muitas mulheres afro-descendentes. Os cabelos da mulher negra representam um exemplo das dificuldades de adequação a um padrão de beleza europeizado. Na realidade o cabelo é um dos principais focos de preocupação estética entre as negras, e é tópico de extensa discussão cultural, sendo considerado inclusive, como símbolo de uma posição política. De acordo

com Mercer (2005) o cabelo deixa de ser um simples traço fisiológico uma vez que carrega um sentido social. O cabelo dos negros é, depois da cor da pele, o maior símbolo estético de estigma, sofrendo um preconceito evidente. O cabelo crespo é frequentemente chamado “cabelo ruim” enquanto o “cabelo bom” é europeizado, liso ou ondulado.

Quanto maior é o avanço tecnológico, maiores são as opções para as mulheres (não apenas as negras) quanto ao tratamento dado aos cabelos. Porém, em geral se separam as opções da mulher negra em duas grandes linhas: deixar o cabelo crespo ou alisá-lo. Existem, na verdade, diversas variações dentro destas linhas, e frequentemente o cabelo é uma forma de representar corporalmente um estilo ou ideologia de vida. Podemos citar como exemplos as tranças *dreadlocks* que são relacionadas ao movimento *rastafári* jamaicano, e particularmente ao *reggae*; ou o afro, que ficou conhecido no Brasil como *Black Power*, era associado a este movimento político-cultural norte americano, ganhou destaque com a *soul music* e ainda hoje é percebido como um penteado que demonstra orgulho racial. Mercer (2005) aponta como os *dreadlocks* e o *afro*, em suas origens, politizaram a expressão étnica corporal, transformando a negritude de um elemento a ser combatido para algo desejável. O autor observa que na realidade, embora ambos os estilos sejam considerados “naturais”, eles não são nada naturais, mas sim estilisticamente criados e construídos com um princípio político de contestação à dominância branca e seus valores estéticos.

O afro foi entendido culturalmente como uma forte afirmação positiva porque se considerava que ele representava o natural. Daí que, como a mitologia ocidental iguala o natural ao primitivo – e o primitivo à África –, o afro tenha sido visto como realmente africano e, portanto, como a forma mais válida de expressão cultural afro-americana (WILLIS, 1997, p.138).

Tais estilos, no entanto, não demoraram a serem incorporados na cultura dominante e hoje muitos os usam sem necessariamente o objetivo de expressar uma simbologia política.

O alisamento dos cabelos das mulheres negras é percebido por certos grupos como um ato de cooptação ao sistema dominante. De fato, muitas mulheres negras se utilizam de diversas técnicas para alisamento dos cabelos. Alguns destes tratamentos são complicados e doloridos, no entanto os cuidados para manter alguns dos cortes crespos, como os citados acima, são igualmente trabalhosos.

Esta espécie de compromisso sócio-político que acompanha o cabelo da

mulher negra é mais um peso imposto a elas, segundo Ingrid Banks<sup>2</sup>: “Para mulheres negras, você é condenada se fizer, condenada se não fizer. Se for atrás de cabelos lisos, será vista como alguém que se vendeu. Se não alisar os cabelos é vista como alguém que não cuida corretamente da aparência” (Agência *New York Times*/ IG, 2009). Tal dilema tem aspectos sexistas, uma vez que atinge muito mais as mulheres do que os homens negros, embora seja bastante comum encontrarmos homens com penteados étnicos.

No Brasil, essa questão toma outra dimensão. Uma vez que o cabelo é um dos caracteres decisivos para a classificação racial, o cabelo liso pode transformar um pardo em branco e um negro em pardo. De acordo com Gomes (2003, pp.137-138):

Assim como a democracia racial encobre os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico-racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. Mas tal comportamento pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida.

Existe uma pressão, não apenas social, mas também representada pelos canais midiáticos que deprecia o cabelo crespo característico dos afro-descendentes. Os modelos de beleza, especialmente para as mulheres, têm traços e características físicas europeias. Entre o seleto grupo de mulheres afro-descendentes que se destacam como símbolos de beleza é comum, ainda, que elas tenham tez mais clara e feições menos africanas. Para Collins (1990) é preciso uma redefinição do sentido de beleza na sociedade, para que as mulheres com características africanas clássicas sejam vistas como capazes de serem belas também.

### 3 PERCEPÇÕES DE ESTILO EM ANTÔNIA

A série televisiva *Antônia* foi criada a partir do filme homônimo (lançado em 2007), dirigido por Tata Amaral, e conta a trajetória de quatro amigas que desde a infância compartilham o sonho de tornarem-se cantoras de *hip hop* e criam o grupo musical Antônia. Integradas a uma cultura que, como elas, foi

---

<sup>2</sup> Especialista em estudos negros da Universidade da Califórnia.

criada na periferia, o *hip hop*, elas enfrentam os problemas do dia a dia, alguns comuns a qualquer mulher, outros relacionados à cor de suas peles ou ainda à sua posição como moradoras da periferia. Com produção de Andrea Barata Ribeiro, Bel Berlinck e Fernando Meirelles (o último, apenas na primeira temporada), a série utiliza-se de alguns elementos para mostrar uma história de superação das dificuldades. Entre eles estão o forte senso de identidade e auto-afirmação, mostrado através de seu estilo, orgulho e do *hip hop*, e também a luta pela realização de um sonho, buscado através da música. No programa, o grupo Antônio representa o sonho de cada uma destas mulheres e ser “uma Antônio”, para elas é lutar pelos seus desejos, ter orgulho e lembrar de suas raízes, é a valorização de si, de sua amizade, de suas vidas.

Anterior à história apresentada no seriado televisivo, está o enredo do filme (embora este tenha sido lançado nos cinemas após a apresentação da primeira temporada na Rede Globo). O filme mostra o grupo tentando se profissionalizar, conhecendo seu empresário, Marcelo Diamante, e procurando investir em suas carreiras, no entanto circunstâncias como briga, ciúmes e prisão, levam elas a se separarem, para no fim voltarem a ser amigas e unirem-se. Na televisão, a série tem início dois anos após o encerramento da narrativa do filme, com Barbarah saindo da prisão, após cumprir dois anos de pena por acidentalmente matar o rapaz que espancou seu irmão, contexto que não é explicado em momento algum para o espectador da série. O percurso delas é narrado em duas temporadas (2006, 2007) com cinco episódios cada, e apresenta o grupo recuperando o sonho de cantar e unindo-se para a gravação do primeiro CD, as dificuldades de marcar shows, a primeira e precária turnê pelo interior do estado, até sua ascensão e sucesso no cenário da música nacional, ainda mostrando o rumo de suas vidas após o término do grupo. No elenco principal, além das quatro protagonistas Quelynah (interpretando Mayah), Cindy Mendes (Lena), Negra Li (Preta) e Leilah Moreno (Barbarah), estão também Thaíde, como o empresário do grupo, Marcelo Diamante, e Nathalye Cris que interpreta Emília, filha de Preta.

Para ilustrarmos como o estilo é apresentado na série, descrevemos momentos em que este se mostra importante. E discutimos como a relação entre o modo de vestir e o uso de acessórios das protagonistas tem reflexão dentro da narrativa. Com isso, pretendemos enfocar questões pertinentes para a identidade e representação da mulher negra, conforme já foram mencionadas.

No primeiro episódio da série (*De volta para casa*), a maneira de vestir e de

usar acessórios das protagonistas aparece de forma básica e desglamourizada. Neste momento, as cantoras ainda vivem uma realidade difícil na periferia paulistana, os poucos shows que conseguem têm pouca relação com o *hip hop* e, principalmente, elas enfrentam a falta de dinheiro mais do que nunca. Assim, apesar de mostrarem um estilo marcadamente identificado como *hip hop*, este ainda pode ser considerado bastante simples. Estas características vão mudar no decorrer da série, há uma glamourização no estilo pessoal das personagens com a ascensão do grupo e o sucesso. Vale dizer que o *street wear*<sup>3</sup>, ou *urban style*, estilo de vestir influenciado no *hip hop*, embora tenha nascido neste “gueto”, teve elementos incorporados à moda internacional, inclusive a alta costura. No começo da série, no entanto, as vestimentas e acessórios das personagens não são sofisticados, e sim simples e despojados. São bonés ou boinas, botas, brincos de argola, tênis esportivos, calça ou saia jeans, *sweatshirts* ou *tee-shirts* de marcas de artigos esportivos, conforme exemplos da imagem abaixo (Imagem 1).



**Imagem 1** – Antonias, estilo *hip hop*, *street wear*. Da esq. para dir., Preta, Barbarah, Lena e Mayah

É a partir da segunda temporada, especialmente nos episódios *Pobres e Fa-*

---

3 Moda de rua



mosas e *O valor do Diamante* que vemos uma importante e significativa guinada no estilo das protagonistas. No segundo episódio da segunda e última temporada (*Pobres e Famosas*) o grupo já conta com algum reconhecimento público, participando de programas de televisão e alguns eventos sociais. No entanto, o episódio centra-se na contradição da fama conjugada à pobreza, uma vez que elas não são bem remuneradas pelo seu trabalho. Ao serem convidadas a uma festa de inauguração de uma loja de alta sociedade, as cantoras convocam seu empresário, Diamante, para que este lhes arranje figurinos para a festa, Diamante fala com uma estilista e as cantoras passam por uma transformação visual. A cena que se segue mostra a mudança das quatro amigas de um estilo *street wear* básico, para um *street wear* glamourizado. Elas mudam não somente o vestuário, mas os acessórios e seus cortes de cabelo também.

A mudança no *look* das Antonias marca a transição delas do visual *street wear* da periferia, para uma representação mais elaborada do estilo *hip hop*<sup>4</sup>. O *street wear* que começou como uma moda restrita ao espaço *hip hop*, ganhou notoriedade no *mainstream* com o sucesso do *rap* e serve de influência na moda internacional. Popularizado ainda mais por grifes criadas por artistas do *rap* – e tendo os próprios ícones do *hip hop* como difusores – o visual inspirado na cultura *hip hop* mistura marcas esportivas, que perceberam o enorme potencial de *marketing* e venda que a moda vinda das periferias poderia trazer, com artigos de luxo – marcas como Dolce & Gabbana, Dior e Louis Vuitton possuem artigos de vestuário e acessórios inspirados na moda *hip hop*. É claro que a sofisticação e o glamour do vestuário dependem principalmente do dinheiro disponível.



**Imagem 2** - Cantando na televisão, antes da *makeover*



**Imagem 3** – Após a transformação visual na inauguração de uma loja

4 Conforme podemos ver nas imagens abaixo (2 e 3) que mostram as cantoras antes e depois do “*makeover*”

Esta é uma das razões pelas quais a transformação estilística que elas passam representa mais do que uma simples mudança de guarda-roupa ou penteado, mas sim a forma com que se relacionam com o mundo e a cultura que em que vivem. O visual mais simples mostrava uma vivência e um pertencimento a um espaço da periferia fora dos grandes círculos da cultura midiática, já a elaboração dessa estilística mostra sua saída da periferia para o centro, passando da margem para algo estabelecido e culturalmente bem aceito. Para Kellner a imagem tem papel fundamental na construção identitária das sociedades contemporâneas, o autor liga estas transformações estéticas de personagens representados midiáticos com a mudança de identidade: “O resultado da transformação da personagem de Roberts é, portanto, uma nova personalidade, uma nova identidade que a capacita a prender seu homem e tornar-se um sucesso no mercado da imagem como identidade”<sup>5</sup> (2001, p. 300). Assim, no caso de *Antônia*, existe a mensagem de que a transformação pessoal e o sucesso em seus empreendimentos passa pela atenção a imagem e ao consumo, corroborando a tese de Kellner sobre a relação intrínseca entre a cultura da mídia e o consumo.

Para Hall (2008, p.324) deve-se observar “como, dentro do repertório negro, o estilo – que os críticos culturais da corrente dominante muitas vezes acreditam ser uma simples casca, uma embalagem, o revestimento de açúcar na pílula – se tornou em si a matéria do acontecimento”. Tal pensamento encontra enorme ressonância dentro do movimento *hip hop*, em que não apenas a moda, mas a maneirística, a maneira de falar e a atitude também fazem parte desta cultura. Alguns destes elementos são mais fáceis de serem observados no contexto norte-americano, em que o *hip hop* expandiu sua influência para diversos setores da cultura midiática. Nos Estados Unidos, ele não é mais associado ao protesto, característica do gênero em seus primórdios, embora seja ainda visto com uma forte ligação à periferia/guetos e aos negros. Hoje, há um grande número de artistas de *rap*, tanto homens quanto mulheres, usando e criando suas próprias linhas de artigos de marcas luxuosas, o *rap* virou ostentoso (RONSINI, 2007).

As Antonias incorporam este estilo mais luxuoso, porém mantém suas raízes, como o decorrer da série demonstra. Para Sansone (2003, p.24), a importância que o estilo tem dentro da cultura negra é fundamental: “Por outro

---

5 O autor se refere, nesta passagem, à transformação da personagem de Julia Roberts no filme *Uma Linda Mulher*.

lado, a aparência física, o porte e os gestos também têm sido o meio pelo qual os negros, como população racializada, reconhecem a si mesmos e, na tentativa de reverter o estigma associado à negritude, tentam adquirir *status* e recuperar dignidade.”

O cabelo das cantoras, que passa por diversas mudanças no decorrer da série, também sofre uma reestilização no episódio em que passam pela *make-over*. Todas as personagens recebem tratamento e colocam acessórios étnicos em seus cabelos.

Essa reestilização dos cabelos das cantoras demonstra a principal reivindicação de Mercer (2005) quanto à etnização do cabelo. Uma vez que muito pode ser apropriado pela cultura dominante, o cabelo não representa apenas a produção de sentido, mas a possibilidade de utilização de métodos e técnicas ocidentais pela cultura negra. Willis exprime (1997, pp.138-139):

Ao considerar a política dos penteados *black*, Mercer define uma abordagem que vê a sociedade de consumo criando novas formas de acesso a auto-expressão do negro.

(...)

O que Mercer quer provar é que a cultura negra pode dispor de todos os signos e artefatos produzidos pela cultura em geral e que pode também manipulá-los. O fato de estes já terem significados inscritos através de séculos de dominação não inibe a produção de afirmações culturais viáveis, mesmo que isso influencie a leitura de tais afirmações.

No episódio seguinte, *O Valor do Diamante*, este processo de glamourização continua, culminando com o grupo fazendo um comercial de produtos para cabelos afro. Os quatro diferentes estilos de cabelo apresentados pelas cantoras no comercial (imagem nº4) tornam-se modelo para mulheres negras, intensamente etnicizados como o de Lena (na imagem nº4, a primeira a partir da direita), ou passando por um “branqueamento” como o de Barbarah (na imagem nº4, a primeira a partir da esquerda). As quatro, no entanto, têm seus cabelos estilizados e manipulados para obter tais efeitos.

Apesar da identificação das personagens na série tem com a negritude, não é feita uma problematização sobre os significados da apropriação da negritude por cada uma, ou seja, todos os modelos apresentados são considerados válidos. A escolha de Barbarah por um cabelo loiro e alisado, por exemplo, não representa,

no contexto do seriado, qualquer diminuição em sua identificação como negra, embora nós possamos observar que o alisamento do cabelo da cantora deu-se de forma progressiva, conforme ela alcançava o sucesso profissional e notoriedade na mídia (no último episódio, Barbarah torna-se atriz de novelas).



Imagem 4: As cantoras fazem a coreografia para uma propaganda de produtos para cabelo

Também podemos ver, conforme fica claro com as declarações de Lena a respeito da amiga se envolver com um cirurgião plástico (em outro episódio ficamos sabendo que Mayah já realizou cirurgia estética), que as Antonias são também consumidoras de um padrão de beleza da cultura dominante, não questionando a influência de tais padrões para as mulheres.

### 3 CONCLUSÃO

O estilo é uma das características que tem mais se destacado entre as culturas afro-descendentes, envolvendo maneirística, apresentação e representação e também estética. Na série *Antônia*, é interessante observar como o estilo adotado pelas protagonistas difere do que é tradicionalmente visto para mulheres negras na cultura midiática brasileira. E termina por levantar questões

interessantes com respeito à estética e à negritude precisamente por mostrar de forma positiva diferentes aspectos da auto-imagem das mulheres de origem afro, vale dizer que ainda são raros os modelos de beleza negra em nossa sociedade e mídia.

A questão do estilo na série também nos proporciona a oportunidade de observar a visão de consumo através do estilo *hip hop*, não é a toa que as personagens passam de um visual simples para outro mais elaborado, em uma cena que coloca o consumo sob uma perspectiva bastante glamourizada. O estilo aparece como um importante componente a ser considerado no seriado, estando presente através das mudanças que acompanham as protagonistas, representando momentos de inflexão em suas vidas e o desenvolvimento decorrente dessas transformações.

Assim como outras questões levantadas na série, o estilo não é problematizado de forma aprofundada, especialmente no que diz respeito às mudanças decorrentes a partir da metade da segunda temporada. Ainda assim, ela tem como mérito contribuir para a análise da negritude na televisão brasileira, apresentando com detalhes uma parte da cultura negra contemporânea e abrindo espaço para outras.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Gênero, Raça e Ascensão Social. **Estudos Feministas**, v.3, n.2, 2º sem. 1995. pp. 544-552.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York: Routledge, 1990.

GILLIAM, Angela e GILLIAM, Onik'a. Negociando a subjetividade da mulata no Brasil. **Estudos Feministas**, v.3, n.2, 2º sem. 1995. pp. 525-543.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

GOMES, Nilma Lino. Uma dupla inseparável: cabelo e cor da pele. In: BARBOSA, Lúcia M. A.; SILVA, Petronilha B. G.; SILVÉRIO, Valter R. (orgs.). **De preto a afro-descendente: Trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil**. São Carlos: EdUFS-Car, 2003. pp. 137-150.

HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura negra? In: HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2008c, pp. 317-330.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia : estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru. EDUSC, 2001.

MERCER, Kobena. Black Hair/Style Politics (1987). In: GELDER, Ken (Ed.). **The Subcultures**

**Reader.** Abingdon: Routledge, 2005. pp. 299-311

RONSINI, Veneza V. Mayora. **Mercadores de sentido:** consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade.** Salvador, EDUFBA, 2003.

WILLIS, Susan. **Cotidiano:** para começo de conversa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ANTÔNIA – A SÉRIE. Prod. (1ª temp.) Andrea Barata Ribeiro, Bel Berlink, Fernando Meirelles; Prod. (2ª temp.) Andrea Barata Ribeiro, Bel Berlink. O2 Filmes. São Paulo, 2006-2008. TV Globo.

RECEBIDO EM: 15/10/12

ACEITO PARA PUBLICAÇÃO: 04/11/12

## Lúcia Loner Coutinho

Doutoranda do PPGCom da Famecos/PUCRS, bolsista CNPq  
Texto retirado da dissertação *Antônia sou eu, Antônia é você: Identidade de mulheres negras na televisão brasileira*, defendido no PPGCom da PUCRS em março de 2010.